

839

MARCELLO CAETANO

BOAS-VINDAS NOS AÇORES

DISCURSO PROFERIDO PELO PRESIDENTE DO CONSELHO,
NO BANQUETE OFERECIDO EM HONRA DO PRESIDENTE
DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, RICHARD NIXON,
E DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA FRANCESA, GEORGES
POMPIDOU. ANGRA DO HEROÍSMO, ARQUIPÉLAGO DOS
AÇORES, 13 DE DEZEMBRO DE 1971

I. 465



839



MARCELLO CAETANO

BOAS-VINDAS NOS AÇORES

DISCURSO PROFERIDO PELO PRESIDENTE DO CONSELHO,
NO BANQUETE OFERECIDO EM HONRA DO PRESIDENTE
DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, RICHARD NIXON,
E DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA FRANCESA, GEORGES
POMPIDOU. ANGRA DO HEROÍSMO, ARQUIPÉLAGO DOS
AÇORES, 13 DE DEZEMBRO DE 1971

SECRETARIA DE ESTADO DA INFORMAÇÃO E TURISMO

1 9 7 1



Constitui para mim singular privilégio saudar a presença de dois chefes de Estado de nações amigas em território português.

Nos tempos correntes, tão cheios de preocupações em que se traduz a angústia da gestação de um mundo novo, é bom que de tempos a tempos os dirigentes dos povos procurem uma pequena ilha.

As pequenas ilhas estão rodeadas de um encanto mítico. São um refúgio — não para esquecer, mas para meditar. O homem precisa de ter a noção dos seus limites para que a acção seja realista e fecunda. E a ilha é, por definição, uma terra limitada por todos os lados ...

Esta, onde estamos, é uma das numerosas ilhas que os Portugueses descobriram nos séculos XIV e XV, ao aventurarem-se em frágeis navios pelos oceanos desconhecidos.

As ilhas estavam desertas. Os navegadores portugueses revelaram a sua existência, puseram-lhes um nome e deram-lhes humanidade, povoando-as.

Tinham de ter muita coragem; os meus compatriotas de há cinco séculos. Mas precisavam também de bastante imaginação. Porque não têm conta os lugares a que eles deram nome — quer nos oceanos, quer nos continentes, fosse a África, fosse a América, fosse a Ásia, fosse a Oceânia, onde hoje ainda permanece em tantos casos a presença de Portugal.

Às vezes o deslumbramento causado pelas belezas da terra avistada, fazia irromper as manifestações do fundo lírico português; e então as ilhas eram chamadas das Flores, Graciosa — ou Formosa.

Outras vezes o sentido positivo do marinheiro ou do geógrafo fazia destacar uma característica física do lugar para o assinalar.

Mas quando outro recurso não havia — apelava-se para o Céu. Todo o calendário dos santos está derramado pela devoção lusitana à volta da Terra.

Aqui, no arquipélago que a abundância de certa espécie de aves fez chamar «dos Açores», a primeira ilha descoberta foi devotamente consagrada a Santa Maria. A segunda posta sob a invocação do arcanjo S. Miguel. Até que os descobridores chegaram à Terceira. Três é um número mágico. Havia que assinalá-lo especialmente. E puseram-lhe o nome de Jesus Cristo.

Esta ilha foi, de facto, durante os primeiros tempos da sua colonização, chamada de Jesus Cristo. Mais do que qualquer outra terra está ligada, pelo nome que teve, à cultura e civilização que enobreceram a Europa e a cuja sombra cresceram as Américas.

Aliás, colocado entre a Europa e o continente americano, o arquipélago dos Açores foi sempre elo de ligação entre os dois. Senhor da ilha Terceira nos primeiros tempos da colonização, encontra-se um Corte-Real ligado à descoberta da Terra Nova. E através dos tempos, logo que a população sobrou no acanhado espaço das ilhas e faltou na vastidão das Américas, estabeleceu-se uma corrente contínua de emigrantes que ainda não cessou.

Nos Estados Unidos da América a maior parte da comunidade portuguesa é constituída por açorianos. E muitos são desta ilha onde, desde a última guerra, existe uma base aérea que não poucos serviços tem prestado à causa do Ocidente e à segurança do Atlântico.

Os dois povos não podem deixar de se entender. Os Portugueses são sensíveis ao prestígio de uma nação que, como a americana, constrói a sua grandeza na base da força moral da vida cívica e da energia indomável dos seus filhos. E admiram nela a coragem com que luta pela preservação da liberdade do Mundo Ocidental.

Aqui nos Açores está um dos baluartes dessa luta.

Mas se o Senhor Presidente dos Estados Unidos da América tem motivos para encontrar neste lugar muitas afinidades com o seu país e para aqui ser recebido com jubilosa amizade, não são menos as razões pelas quais o Senhor Presidente da República Francesa se pode sentir em terra amiga.

Para colonizar no século XV as ilhas, os Portugueses fizeram apelo a outros povos da Europa. E para aqui

vieram muitos povoadores de territórios que hoje são franceses ou que tinham então com a França relações muito íntimas.

Em S. Miguel há uma povoação chamada Bretanha. E a língua que nela se fala é ainda hoje característica em relação ao resto da ilha. Flamengos foram muitos dos que aceitaram partilhar na aventura de cobrir de vida humana estas porções de lava solidificada. Na paisagem, nos costumes, na língua ficaram traços inapagáveis deixados por esses homens que consigo trouxeram a sua própria tradição e os elementos de uma cultura tão fortemente contribuinte para a riqueza da cultura da França que então se constituía em termos modernos.

A influência cultural da França em Portugal não se compara com a de qualquer outro país. Não há explicações económicas ou políticas que justifiquem o facto. A única explicação válida vem das afinidades de espírito. O português cultivado admira a literatura, a arte, a maneira de ser e de viver francesas. E não é só admiração que sente: é amor. Sente-se triste quando vê com tanta frequência o seu país mal conhecido e julgado por defeito de informação, mas perdoa muita coisa justamente pela indulgência que no sentimento lusitano está ligada à amizade.

Felizmente que são muitíssimo cordiais as relações entre os dois povos, e que essa cordialidade está reflectida nas relações entre governos. Numerosos portugueses trabalham actualmente em França contribuindo para a prosperidade económica do país e criando mais um laço entre as duas pátrias. Tudo são motivos para que seja razão de

júbilo a presença em terras de Portugal do Presidente da República Francesa.

O mundo espera muito do encontro de Vossas Exce-lências. E tem motivo para isso. São dois homens de bem que falam de olhos nos olhos. São dois estadistas experientes que dão balanço a uma situação crítica. São os chefes responsáveis de duas grandes nações que encaram corajosa, mas prudentemente, as dificuldades do presente e os caminhos do futuro.

Desejaria que para o entendimento nestas conversas e para a sua feliz conclusão contribuísse o ambiente do lugar onde se realizam. Por detrás das aparências borrascosas do Inverno é próprio desta ilha um clima humano de bondade e de compreensão entre as pessoas. Há nela um desejo ardente de ajudar os outros, uma aspiração incontida de melhorar a vida, aspiração alimentada por uma esperança tenaz e traduzida em trabalho paciente e honesto.

Aqui perto é o centro dos anticiclones. Não sei nada de meteorologia mas a palavra deixa-me entender que, se não fossem os ventos que travam os turbilhões formados no sentido do movimento de rotação terrestre, estaríamos sujeitos a catástrofes muito frequentes. A natureza criou o movimento normal, mas previu também o remédio para os seus excessos.

Permitam-me, Senhores Presidentes e meus senhores, que neste momento eu pense em todos os homens dispersos pelo mundo cujos destinos estão nas mãos daqueles a quem couberam as duras responsabilidades de governar. E que, na ilha de Jesus Cristo, faça votos por que seja ainda tempo

para a Humanidade de escutar as ressonâncias da mensagem cristã.

Bebo à saúde do Senhor Presidente dos Estados Unidos da América e do Senhor Presidente da República Francesa. Bebo pelos povos que representam. E bebo pelo bom êxito das conversações hoje iniciadas.

NB



EFC0888813187



S.N.